

CONSTRUÇÃO DE UMA EDUCAÇÃO ANTIRRACISTA: INÍCIO DA PRÁTICA DOCENTE ENTRE O UNIVERSO PLURAL DA ESCOLA¹

Kauane Gabrielle de Araujo Fernandes²

João Wictor Medrado Silva³

Jusciellen Ketlen Barbosa de França⁴

Tatiana Silva de Lima⁵

Vivemos em um país que apresenta sérios desafios no que se concerne à educação, os quais vão da base até o ensino superior. Logo, um reflexo importante do processo de desmonte da educação é a formação de professores, a qual reflete a carência de investimentos relacionados a remuneração e infraestrutura, além de questões como a formação dos currículos. Nesse sentido, pode-se colocar como exemplo a licenciatura em História, que sofre com a escassez de disciplinas relacionadas a História do continente africano, asiático e a educação especializada, ausências que indicam interesses e refletem os preconceitos enraizados em nossa sociedade.

Diante disso, ser professor se torna um desafio, pois não basta apenas transmitir conteúdos preestabelecidos pelos currículos, é preciso propor novas formas de abarcar os conteúdos e aprender a lidar com situações, que são próprias da realidade escolar. Sendo assim, programas como a Residência Pedagógica e o PIBID fomentados pela CAPES são de extrema importância, uma vez que permitem aos futuros docentes atrelar o conhecimento acadêmico com a prática, além de introduzir novos ares à educação, que ainda está muito vinculado ao sistema tradicionalista.

Mediante a esse segundo módulo da residência temos efetivado um trabalho na Escola Padre Luiz Cassiano, que fica localizada no bairro Loteamento Recife em Petrolina e se trata de uma escola de referência. Nesse contexto, esse trabalho vem sendo efetivado pelas residentes Kauane Gabrielle e Jusciellen Ketlen e pelo residente João Wictor em consonância com a preceptora Elza Maria Amorim e também com a orientadora Tatiana Silva de Lima.

¹ Resumo Expandido desenvolvido com o financiamento da Capes.

² Graduanda do Curso de Licenciatura Plena em História pela Universidade de Pernambuco (UPE), *Campus* Petrolina, kauane.gabrielle@upe.br.

³ Graduando do Curso de Licenciatura Plena em História pela Universidade de Pernambuco (UPE), *Campus* Petrolina, joao.wictor@upe.br.

⁴ Graduanda do Curso de Licenciatura Plena em História pela Universidade de Pernambuco (UPE), *Campus* Petrolina, jusciellen.ketlen@upe.br.

⁵ Professora Adjunta do curso de Licenciatura em História da Universidade de Pernambuco (UPE), *Campus* Petrolina, tatiana.lima@upe.br.

Desse modo, o resumo expandido tem como objetivo principal mostrar de forma breve o trabalho baseado no comprometimento com enfoque na educação produzido pelos discentes.

A metodologia usada neste segundo módulo da residência vem se estabelecendo de forma semelhante a anterior, mas com algumas particularidades. Inicialmente, os residentes caminham para as escolas com objetivo de desenvolver o período de observação, nesse contexto, os estudantes devem estabelecer contato com as salas e com os alunos, assim como partilham a descoberta dos assuntos que serão tratados durante a vigência deste momento de observação. Posteriormente, os discentes passam pelo processo de regência, que funciona como o momento de prática em sala de aula, mas sempre com a presença da preceptora.

Foram feitos alguns encontros juntamente com a orientadora do subprojeto a fim de efetivar o arcabouço teórico dos residentes. Dessa forma, foram trabalhados textos voltados para o estudo de povos indígenas e de um ensino antirracista como foi o caso do artigo da Suelen Siqueira Julio, que trouxe esse tema como uma discussão urgente com os alunos em seu texto *Educação antirracista e história das mulheres indígenas: um diálogo urgente* (2022). Destarte, outro texto indispensável utilizado pelos residentes é o do Nelson Maldonado-Torres, que traz o tema da descolonialidade em seu artigo *Pensamento crítico desde a subalternidade: os estudos étnicos como ciências descoloniais ou para a transformação das humanidades e das ciências sociais no século XXI* (2006), o qual se trata de um clássico sobre o tema e apesar de ser bem engessado na sua escrita transmite toda a necessidade que o assunto precisa.

Além disso, também foi trabalho o texto *História pública, ensino de história e educação antirracista* (2019) da Martha Abreu, Hebe Mattos e Keila Grinberg e *Aprendizagem baseada em projetos: uma contribuição interseccional e antirracista* (2021) do Augusto Rodrigues de Sousa e da Lediane Fani Felzke, que são fundamentais para discutir uma educação antirracista, além de se basearem em metodologias ativas de ensino. Por fim, o texto da Marina de Andrade Marconi e da Eva Maria Lakatos, *Fundamentos de metodologia científica* (2010) ajudou a formar um pouco do produto didático formado pelos residentes, uma vez que uma das finalidades desse segundo módulo é formular projetos impactantes não somente para a escola, mas a para os próprios alunos também.

A primeira edição do módulo certamente foi um desafio, mas ao mesmo tempo proporcionou o amadurecimento pessoal e profissional na futura carreira docente, o contato com os alunos e com a sala de aula descortinou o que é ensinar. A realidade em sala de aula é completamente diferente do ambiente acadêmico, as crianças e adolescentes possuem demandas, que muitas vezes precisamos suprir.

Pode-se dizer que o motor que anima e dá sentido ao estágio –tanto na Pedagogia como nas demais licenciaturas –é a busca da relação contínua – possível e necessária –entre os estudos teóricos e a ação prática cotidiana. [...] Importa analisar o que acontece, como, por que, onde, com quem e quando acontecem determinadas situações buscando um novo sentido diante do que está sendo observado e apreendido no processo junto à realidade observada. (CALDERANO, 2012, p. 251).

Em nosso primeiro módulo trabalhamos com o enfoque na educação especializada, partindo da perspectiva de inclusão dos alunos e alunas com algum tipo de deficiência ou transtorno, buscando formas de introduzir e chamar a atenção sobre o tema na escola, por meio de adaptação ou criação de conteúdos de acordo com as necessidades dos estudantes. Como destacou Maria Angela Monteiro Correia em *Marcos Históricos da Educação Especial até o século XX* (2013), houve muitos avanços sobretudo no período de pós-guerra onde a sociedade precisou acolher aqueles com algum tipo de deficiência causada pela guerra, no entanto o nosso país ainda carece de formação, e de iniciativas que flexibilizam o currículo para os alunos com deficiências e transtornos. Notamos durante esse primeiro módulo que o quadro relatado por Correia (2013) ainda é parte do cotidiano, uma vez que nas escolas da falta de preparação para abarcar esses alunos acaba os deixando de fora das atividades cotidianas e os excluindo da turma como um todo, também percebemos que existe uma grande quantidade de alunos subdiagnosticados, os quais sofrem sem o acompanhamento necessário.

No segundo módulo expandimos os horizontes do que seria uma educação inclusiva, uma vez que existem diversos grupos tratados como corpos dissidentes, postos intencionalmente à margem da sociedade e tendo pouco ou nenhum acesso à educação. Historicamente a sociedade brasileira e ocidental tratou culturas diferentes do padrão europeu e heterossexual como inferiores, isso se deu desde a origem do Brasil quando os povos indígenas tiveram sua cultura invalidada e foram assassinados e escravizados, quando os povos africanos foram trazidos a força sua cultura bem como seus corpos foram violentados com a justificativa de que não eram iguais aos europeus, conseqüentemente, colocados como inferiores.

No entanto, esses povos jamais foram passivos, resistiram e ainda resistem para ocupar os locais que têm direito, como cidadãos e como pessoas com manifestações culturais próprias e igualmente válidas. Diante desse quadro os estudos decoloniais dão espaço aos excluídos da História, uma vez que o conhecimento ocidental foi baseado em um regime de verdade onde apenas existia um lado da narrativa. Assim, autores como Edward Said apontaram o quanto a cultura do Ocidente alimentou um discurso que invalidou e impôs a dominação de uma cultura sobre a outra. Com isso, o nosso próximo projeto de intervenção

será justamente baseado na valorização da cultura dos povos africanos, de suas manifestações e resistência ao qual impediu que desaparecessem por completo.

Já no primeiro módulo tínhamos abordado durante as aulas do sétimo ano do Ensino Fundamental competências ligadas à diversidade, sobretudo, dos povos indígenas e africanos. Foram utilizados conceitos como alteridade e eurocentrismo a fim de refletir sobre os preconceitos e processos específicos das sociedades americanas e africanas antes da colonização destacando a importância bem como a existência desses no contexto pré-colombiano, de acordo com a habilidade (EF07HI03): “Identificar aspectos e processos específicos das sociedades africanas e americanas antes da chegada dos europeus, com destaque para as formas de organização social e o desenvolvimento de saberes e técnicas” (BRASIL, 2018, p.423).

Nesse sentido, destacamos a importância e contribuição desses povos para a nossa cultura, diferenças e semelhanças que compartilhamos uns com os outros por meio de pesquisas pelas quais os alunos e alunas buscaram conhecer mais sobre esses povos. Uma das atividades propostas foi a de solicitar que os alunos e alunas pesquisassem sobre a cultura e costumes dos povos indígenas da região do Vale do São Francisco e construíssem um cartaz com cartolina, colocando imagens e curiosidades. Embora nem todos tenham participado da atividade, houve o engajamento das turmas, e foi possível chamar a atenção para riqueza cultural desses povos bem como a proximidade deles com os alunos, coisa que não é abordada no livro, uma vez que este só discorre sobre povos mais afastados da região onde vivem os alunos.

Buscamos a partir desse segundo módulo e com o desenvolvimento de nossas atividades na instituição e também com o produto final que o núcleo vem desenvolvendo, trazer para a luz essa temática por muitas vezes invisibilizada, como também ofertar para o corpo docente da Escola Padre Luiz Cassiano um dos vários caminhos para se trabalhar com os seus alunos sobre temas de extrema importância como o do povos indígenas e africanos. Portanto, efetivar esse trabalho juntamente com a nossa orientadora e com os colegas do núcleo tem mostrado ótimos resultados tanto para os residentes como também para os alunos presentes na instituição, uma vez que ofertamos um novo olhar para o ensino presente na escola.

Palavras-chave: Resumo expandido, residência pedagógica, observação, regência, educação inclusiva.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

ABREU, Martha; MATTOS, Hebbe. GRINBERG, Keila. **História pública, ensino de história e educação antirracista.** Revista História Hoje, v. 8, p. 17-38, 2019.

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular.** Brasília, 2018.

CALDERANO, Maria da Assunção. O estágio curricular e os cursos de formação de professores: desafios de uma proposta orgânica. In: _____. (Org.). **Estágio curricular: concepções, reflexões teórico-práticas e proposições.** Juiz de fora: Editora UFJF, 2012. p. 237-260.

CORRÊA, Maria Angela Monteiro. **Marcos históricos nacionais da Educação Especial até o século XX.** A Educação Especial na História. Educação Especial. Vol. 1, 2013.

JULIO, Suelen Siqueira. **Educação antirracista e história das mulheres indígenas: um diálogo urgente.** GERMINAL: MARXISMO E EDUCAÇÃO EM DEBATE, v. 14, p. 285-296, 2022.

MARCONI, Maria de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. **Fundamentos de metodologia científica.** 1. ed. São Paulo: Atlas, 2003.

SAID, Edward. **Orientalismo: O Oriente como invenção do Ocidente.** São Paulo: Cia das Letras, 2007.

SOUSA, Augusto Rodrigues; FELZKE, Lediane Fani. **Aprendizagem baseada em projetos: uma contribuição interseccional e antirracista.** Em Favor da Igualdade Racial, v. 4, p. 32-46, 2021.

TORREN, Nelson Maldonado. **Pensamento crítico desde a subalternidade: os estudos étnicos como ciências descoloniais ou para a transformação das humanidade e das ciências sociais no século XXI.** Afro-Ásia, v. 34, p. 105-129, 2006.